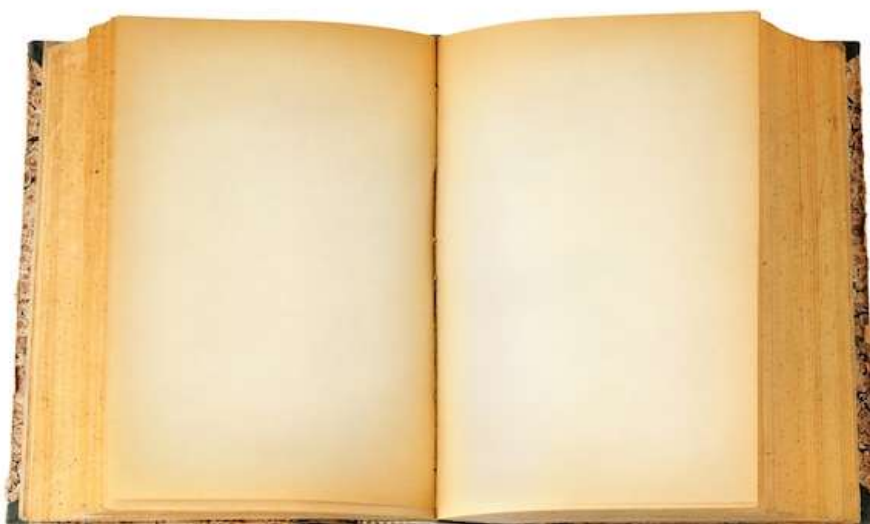


# REGISTRADO NAS EFEMÉRIDES

(E OUTRAS HISTÓRIAS)

FLAVIO GOULART



2023

## POR QUE ESTES CONTOS?

Não! Não me perderei em elucubrações aprofundadas para dizer como cheguei até aqui, ou seja, me arriscar a escrever dentro de uma modalidade literária que até agora eu não havia experimentado. Com efeito, posso ser acusado de ter escrito uma tese, dois livros, algumas dezenas de artigos em jornais e revistas, crônicas – e agudas – “blogagens” (não confundir com bobagens), uns poeminhas, um monte de relatórios, além de textos soltos e sem compromisso. Mas a escrita de contos, devo admitir, ainda não havia cometido. O que mudou, então, para que eu ousasse entrar em tal território? O que de fato transformou – e muito! – tal disposição para entrar no território da ficção e, devo 2 dizer, também a minha vida de maneira geral, foi o surgimento de uma pessoa que tem como marca registrada, para dizer pouco, a promoção do outro. E tenho a sorte de ser agora este outro, que ela promove, prestigia, incentiva, ensina, mostra caminhos e de quebra ainda traz carinhos-mil. Há tempos, quando ainda ensaiávamos passos tímidos no nosso relacionamento, talvez nos dando por satisfeitos por termos alcançado apenas o estatuto de “amigos” (e até mesmo acreditar que isso nos bastaria), dado o costume de mandarmos músicas um para o outro, na hora de dormir ou acordar, surgiu em tal repertório aquela que acabou virando um mote existencial para nós, pouco tempo depois: será que isso quer dizer amor? Pois é, a resposta para a pergunta formulada acima está aí. Isso quer dizer aquilo e muito mais. Explica inclusive estas vãs tentativas de domar palavras que agora revelo e ofereço a meus filhos, netos e amigos mais próximos. 3 Esta coleção pertence a vocês que me leem agora, mas, sobretudo, à esta mulher essencial, com muita honra minha companheira e inspiradora, Keta Camarotti, a quem agradeço a presença em minha vida, já avisando que os eventuais equívocos em minha escrita são de minha inteira reponsabilidade.

Flavio Goulart

Brasília, 15 de julho de 2023

<b>TÍTULO</b>	<b>PÁGINA</b>
<b>Registrado nas Efemérides</b>	
<b>O que foi feito de Graça?</b>	
<b>Senhorinha da Sanfona</b>	
<b>Dias na vida de Filomena Dias</b>	
<b>Phantasilia e Belgladesh</b>	
<b>A luta mais vã</b>	
<b>Afinidades eletivas</b>	
<b>O crido e o havido</b>	
<b>Janela indiscreta</b>	
<b><u>Miniscelânea</u></b>	
<b>Seria banal, se não fosse trágico...</b>	

## **Registrado nas Efemérides**

Destas ruas de pedras lisas, que tantos pés esculpiram, as feridas nos morros se fizeram menos mortais e as mangueiras inundaram tudo com o cheiro seminal de suas floradas; das gelosias dos casarões alguém viu, mas sobre isso se calou.

O café coado na cozinha dos fundos do casarão exalou seu odor a terra e floradas, entretanto logo substituído por outro, que não se conhecia.

Os burricos cargueiros na rua principal abriram suas narinas e estacaram por um minuto, como se o procurassem no ar, curiosos e assustadiços.

A velha ponte não tremeu daquela vez, com as mulas a passarem por ela como um tropel em nuvens.

O rio, por momentos, correu majestoso como em outro século, quando os aventureiros obcecados pelo ouro ameaçaram incendiá-lo, para pasmo dos bugres. Peixes, que há muito não se viam por ali, saltaram no ar.

As pobres criaturas da Cadeia Pública, de um e outro lado das grades, estremeeceram ao perceberem a presença daquilo e a ele se renderam, sentindo algo que não sabiam, nem podiam, como coisa que evola, pássaro cantando ao longe, em outro tempo e em outros quintais.

Aragem vinda da serra, de alguma grotta úmida e florida, fez pássaros mudaram seu rumo e o leque dos coqueiros, levemente se adernou, como o velame de barcos em mar de nuvens. O ruído das palhas segredava a quem quisesse ouvir, mesmo sem entender, coisas graves. De onde vinha, quem sabia não contou.

Parece, eis o dito, que o olho nascente de tudo era o casarão rosado, na rua de cima, em um quarto dos fundos. Mal vislumbráveis na penumbra, mas denunciados pelo calor emanado e pelo seu odor a terra, cúrcuma, flores de manga e jenipapo, os corpos enlaçados, deles, os amantes, saciados e suarentos. Na pele, em pequenas gotas, como borbulhas na superfície de

um lago, desprendiam no ar essência volúvel, que saturava a alcova, escoava pelos beirais do casarão; chamava o pouso dos pássaros no quintal; fez falar o papagaio mudo em seu poleiro e arrepiar a pelagem do gato preto na porta da cozinha.

Aquilo ganhou a rua, a colina, os morros. Raros peixes vinham à tona do rio semivivo buscá-lo, sôfregos o retinham com suas guelras. Um menino sentiu e sorriu, sem saber o que aquilo pudesse ser. Um preso suspirou e pôs-se a cantar e todos o acompanharam. Na velha igreja, quase deserta, ouviu-se um coro de vozes, secundado por desconhecido instrumento, numa música que tinha cor e cheiro. A velha beata que dormitava com um rosário nas mãos estremunhou-se e persignou-se, em pensamentos malsãos. Pensou naquelas coisas sem pejo de se confessar e até sorriu.

Foi assim, dizem: vinda a noite, na praça daquela cidade onde nada acontecia, todos haviam sentido, aquilo ainda no ar, sobre o que não se entendiam, por desconhecido e perturbador. Mas não falavam, apenas guardavam e se inquiriam curiosos, se algum dia poderia acontecer de novo tal graça inédita.

E o ar se moveu, fresco e perfumado, quando o Moço e a Moça seguiram rumo à ponte, para outra vez, em outro lugar.

\*\*\*

## **O que foi feito de Graça?**

Histórias estranhas? Tenho uma pra contar. Escutem.

Naquela rodoviária, meia noite chegando, eu enfrentava o tédio e me preparava para horas aborrecidas até o meu ônibus passar, lá pelas duas da madrugada. Mas não é que me chamou a atenção a conversa na fileira de cadeiras atrás de mim? Eram dois sujeitos, costas quase coladas às minhas, também a espera de condução. Peguei a conversa neste ponto:

- *Pois é, lá me disseram que a Graça tinha morrido. De parto.*
- *A Graça, Gracinha, aquela beleza de nossa adolescência, não é possível!*
- *Sim, Maria das Graças Soares de Alencar. A filha mais nova do velho Genebaldo...*
- *Uai, que coisa! Tão moça e sacudida, bonitona, até. Quantos sonhos eu tive com ela; nem posso contar. Pensando bem, não fui o único.*
- *Pois espere que te conto um sonho que você não teve...*
- *Estou escutando, quero saber de tudo.*
- *Eu perguntei por ela, minha conhecida também, meio prima até, mas que andava sumida de muito. Eu bem que a achava atraente também, mas a consanguinidade me afastou, menos nos pensamentos. Mas então me disseram: - não sabe ainda? Morreu, a coitada.*
- *Como foi isso? A última notícia que tive dela é que estava grávida, retomando um casamento que parecia fracassado.*
- *Pois é, o que me contaram foi que a morte tinha sido consequência de uma gravidez complicada, levando de uma só vez mãe e cria. Ficaram até surpresos que eu não soubesse, pois, o assunto tinha dado muita repercussão. E o pobre do marido tinha ficado tão desgostoso que sumira no mundo.*
- *Eu conheci o casal. Mas faz tempo que estive com eles, uns cinco ou seis anos talvez. Acho que o cara até é do nosso tempo.*
- *Mas isso que lhe conto foi mais recente, bem depois.*
- *Mas continue, estou lhe interrompendo.*
- *Aquela notícia me deixou pasmado. Pelo fato em si, pois que esta Graça era uma pessoa querida, mas também porque ao voltar para casa eu precisaria dar*

*a notícia para Luiza, minha mulher, que tinha certo comadrio com a Graça. E ia ser um choque feroz para ela, capaz de abalar ainda mais seu temperamento sensível, bastante atormentado naquele momento por outras perdas recentes, agravadas por uma menopausa precoce e mal recebida.*

*- Poxa, que situação...*

*- Pois é, eu estava fora de casa e passei a viagem de volta pensando nisso. Tinha que contar, mas não sei se conseguiria fazer isso de imediato, logo que pusesse os pés em casa. Quem sabe, depois. Mas de todo modo não atinava com a melhor maneira de agir.*

*- Não dava pra fingir que não sabia?*

*- Bem que pensei nisso, mas acho que seria fácil alguém me desmentir. E aí minha mulher não me perdoaria, pois, a Graça era realmente muito querida por ela. O fato é que aquela viagem demorou, não tanto pelo atraso e as baldeações, mas também porque minha cabeça não chegava a um acordo sobre o melhor modo de falar sobre uma coisa como aquela, tão indizível. Tenho que reconhecer também que sou bem atrapalhado nessas coisas de mentir, enganar, fingir.*

*- É ruim, hein...*

*- Pois é... O que matutei naquelas horas dentro de um ônibus você não é capaz de imaginar. Desconforto total, naquele calhambeque miserável, naquela estrada esburacada, com a cabeça e girar doidamente. E eu sem encontrar uma solução. E pra complicar, um enguiço que nos custou umas duas ou três horas de parada. Mas, pensando bem, foi até bom, me ajudou a colocar as ideias no lugar, ou pelo menos me acalmar. Mas mesmo assim cheguei em casa com uma tremenda cara de cachorro que caiu da mudança.*

*- Mas contou logo pra ela?*

*- Não, não contei...*

*- Não contou, mas assim não teria ficado ainda mais complicado pra você?*

*- Espera que chegarei lá.*

*- Não quer tomar um café antes de nossa condução chegar?*

Nesta hora eu, que fingia ignorar, mas espionava a conversa, cheguei a lamentar que perderia o curso de tal história, mas felizmente adiaram o tal café.

- *Pode ser. Mas deixe que eu encerre o assunto. Cheguei em casa, fui para um banho. Luiza me seguia de perto, pois eu estava fora há muitos dias e você sabe como é, casal ainda amorosos que somos, apaixonados. Saí do chuveiro, havia um jantarzinho quase romântico me esperando, tinha até velas. Mas era difícil esconder a verdade. E Luiza: - fala, estou vendo que você não está bem, o que está acontecendo? Eu dizia - nada não, está tudo certinho; só acho que preciso de umas horas de sono. Vi que eu não a convencia, mas esvaziamos uma meia garrafa de Cidra e resolvemos ir para a cama.*

- *Deixou para o outro dia, então?*

- *Sim, deixei, mas não esperava uma mudança radical em meus planos. Você não é capaz de imaginar o que aconteceu...*

- *Conta! Esta história já está me deixando curioso...*

- *Eis que o telefone toca. Bem ali, na beira da cama. Do meu lado.*

- ...

- *Eu atendo e adivinha quem era?*

- *Não sou capaz de saber...*

- *Tente.*

- *Ora bolas, vou chutar. Seria uma ressuscitada Maria das Graças?*

- *Já está sentado para não cair? Ela mesma, a Graça! Nossa amiga Maria das Graças Soares de Alencar. Em pessoa. Ou em espírito, foi o que pensei na hora.*

- *E você, como reagiu?*

- *Primeiro me arrepiei da sola dos pés até a raiz do cabelo. Depois, o que pude balbuciar foi: Graça, de onde você está falando? E danei a chorar, soluçando como um condenado. O que era aquilo, meu Deus! Luiza, do meu lado, não entendia patavina...*

Neste momento o autofalante anunciou a chegada de meu ônibus. Ajeitei mal e mal minhas coisas, mas meus vizinhos das costas também fizeram uma pausa para procurar algo na sua bagagem, talvez um fósforo ou um cigarro, já se levantavam para o café. E eu fiquei ali, morto de curiosidade, sem saber a solução do mistério que sem que eu pedisse me fora trazido, até com certo detalhe, sobre aquela Maria das Graças, que morrera – ou não – mas que, no entanto, era capaz de fazer ligações telefônicas, sabe-se lá de onde.



Fiquei pensando... Era outra a Graça que morrerá? A ligação de que falava o desconhecido não teria sido um engano? Era apenas uma troça entre amigos? Tudo ficou por isso mesmo, infelizmente. Enquanto o marido de Luiza vivera o conflito de ser obrigado a dar uma notícia ruim, eu tive que completar minha viagem em dilema ainda maior, o de ignorar o que de fato tinha ocorrido com aquela mulher, de cuja história de repente me tornei íntima testemunha.

E eu, lamentavelmente, nem tinha quem me esperasse com um jantarzinho romântico e uma garrafa de vinho. Assim fui dormir mal acomodado em um banco de ônibus e além do mais sozinho, ou melhor, com este mistério atravessado no peito.

Quem quiser que conte outra.

\*\*\*

## Senhorinha da Sanfona

Eu gostava de andar pelas ruas do bairro, não raro me afastando por até por alguns quilômetros, de meu canto de rua. Aposentado e sentindo o corpo meio travado, fazia isso principalmente para desenferrujar as juntas e dar força aos músculos. Aproveitava para fazer também algo que tinha aprendido com meu avô, um caminhador contumaz, que sempre dizia que seus périplos lhe permitiam uma atividade que lhe era muito valorizada: *apreciar as novidades*.

E as novidades, no meu caso, iam desde as novas construções, cada vez mais raras já havia tempo, eis que já eram poucos os lotes vagos disponíveis naquele bairro um tanto antigo, passando pelo surgimento de novos comércios e chegando, principalmente nas mudanças que a natureza apresentava, com suas floradas, frutificações, além de um ou outro ninho de passarinho ou casa de João-de-Barro. Preciso dizer que em um dos lados do meu caminho habitual havia uma pequena área de mata, relativamente bem preservada

Em uma dessas ocasiões vi uma cena que me chamou a atenção. No térreo de um pequeno prédio de apartamentos acontecia uma festa. Alguém tocava sanfona e havia pessoas reunidas em torno, em ambiente de animada confraternização, aparentemente em família, com crianças dançando em roda. Assim de passagem não percebi outros detalhes do acontecimento. Em uma segunda passada, alguns dias depois, pude assistir à mesma cena, mas agora observando a sanfoneira de forma mais nítida. Era uma senhora idosa de uns setenta anos ou mais, magra, cabecinha branca, vestimenta modesta de chita, instalada em uma cadeira de rodas. E mais: faltava-lhe uma perna.

Senti-me tomado de ternura por aquilo, pois visivelmente era uma cena de conagraçamento e afeto, com pessoas que não só usufruíam de um momento musical, como concediam à artista carinhos calorosos, se revezando ao seu redor em tal atitude. E a sanfoneira de fato parecia feliz.

Já nesta ocasião eu me via, forçado pela aposentadoria, a procurar afazeres, tendo encontrado aquelas caminhadas como parte bastante prazerosa, sem dúvida, de tal tarefa. Mas eu queria mais, por exemplo, começar a escrever sobre o que eu

chamava de *fatos da vida*, sem saber identificar, com precisão, se isso se daria sob a forma de conto, crônica, romance ou poesia. Sabia que talvez fosse pretensioso de minha parte, mas carregava uma observação que os professores do ginásio já me haviam feito, há tantos anos e que não raro eram reforçadas por amigos, familiares e colegas de trabalho: *você tem jeito para escrever*.

E ali estava um real fato da vida, altamente significativo. Aliás, se aquilo não fosse tal coisa, o que mais o seria?

Ao longo da vida eu, volta e meia, fazia alguma tentativa de registrar coisas por escrito, mas acabava desistindo pela força de um sentimento contrário ao anterior, que me fazia acreditar que cabia não *confundir literatura com desabafo*, conforme também ouvi de um antigo professor no colégio. Aquilo, confesso, me fazia desanimar.

O caso da velhinha me fez criar coragem e quem sabe registrar a emoção que aquela cena me trazia, fosse no papel, ou na tela do computador. Mas eu precisava de mais informações sobre o acontecimento daquelas tardes de sábado. Por umas tantas vezes passei pelo endereço que me chamara tanto a atenção, inclusive em finais de semana, mas não tive a sorte de assistir novamente às cenas que me foram tão inspiradoras. Até que um dia resolvi parar e perguntar a um homem que fazia a limpeza do prédio se ele dispunha de alguma informação sobre aquilo que me movia na ocasião: quem era aquela mulher, qual era a sua história, se eu conseguiria conversar com ela.

Ele pareceu compreender e sintonizar com o meu interesse pelo caso e me revelou, um tanto entristecido, que Dona Senhorinha – era o nome da sanfoneira – tinha falecido e que a filha, com que ela morava tinha se mudado dali, fazia pelo menos dois meses. Não, ele não sabia o endereço para onde ela fora e nem conhecia ninguém que pudesse informar. Só acrescentou: *elas são da Bahia*.

Meu primeiro pensamento foi de desistir de registrar tal *fato da vida*, por insuficiência de informações. Alguma coisa eu sabia da personagem, que era da Bahia e que tinha um nome curioso, mas era muito pouco.

Assim me recolhi a outras elucubrações, chegando a me interessar por captar a história de um mendigo que morava dentro de um carro abandonado, também dentro de meu trajeto habitual, mas que abordado por mim só me deu informações confusas, que acabaram desandando em agressividade. Mas eu queria saber mesmo era da história daquela Senhorinha da sanfona.

Um dia me vi diante de uma pista: eu passava por uma loja de móveis usados no bairro e vi lá dentro uma cadeira de rodas. Era um tipo comum, mas um enfeite nas rodas, feito com fitas coloridas me pareceu estar presente também na cadeira da sanfoneira, que eu havia visto apenas uma vez. O dono ou gerente da loja me disse que aquilo estava ali há algumas semanas, sem aparecer comprador, mas nada sabia sobre a pessoa que lhe vendera a peça. Se eu me interessasse pelo objeto faria um desconto de mais de cinquenta por cento. Não era o caso, claro.

De repente me dei conta que com as informações que eu tinha talvez já houvesse um início de história. Uma baiana, de nome Senhorinha, sanfoneira... Sua pele morena, de mulata clara mesmo, seu modo singelo de vestir, sua cadeira de rodas meio detonada, o prédio de apartamentos simplórios em que ela morava certamente traduziriam uma pessoa modesta de posses. A procedência baiana reforçava tal impressão, porque ali na cidade havia muitas pessoas que chegavam do interior, em busca de melhores condições de vida e de trabalho. E mais, sua provável origem seria rural.

Senhorinha, nome de uma santa muito venerada em Portugal, cuja devoção certamente deve ter chegado ao Brasil através de imigrantes lusos, seria condizente com a forte tradição católica de todo o interior do país.

Havia uma filha. Portanto deveria ser ou ter sido casada e quem sabe, ter tido e criado outros filhos. Talvez, muitos deles, conforme o estatuto vigente nos sertões do país. Se é que não havia perdido outros tantos.

Pobre, cheia de filhos e roceira... Ela pode ter sido empregada em fazenda, quem sabe boia-fria em plantações de soja, café ou milho. Trabalhou, certamente, de sol a sol, por anos a fio, em condições as mais difíceis possíveis. Direitos trabalhistas ou de cidadã, quase nenhum.

Aquela perna amputada seria por acidente de trabalho, vítima de máquinas que além de roubarem o trabalho das pessoas as aleijavam ou matavam? Perfeitamente cabível. Mas havia também a possibilidade de que fosse uma doença de vasos sanguíneos, uma diabetes, por exemplo, da qual não pôde se tratar por absoluta ausência de recursos de saúde onde ela morava, da mesma forma que na educação ou na assistência social. Portanto, tinha tudo para ser, além de pobre e desvalida, analfabeta.

Mas era sanfoneira. Pode ter sido uma daquelas crianças que nascem com um dom para música e que de tanto procurar acabam achando um instrumento musical em que podem se exercitar. Seria o mais provável, dado que uma menina ou moça pobre, roceira e analfabeta, como ela, dificilmente poderia ter frequentado uma escola de música. Quem teria colocado aquele instrumento ao seu alcance? Pai, padrasto, avô, padrinho? Uma galeria masculina como essa certamente também lhe traria riscos, não apenas benefícios, como o de uma sanfona. É impossível deixar de pensar em violações e assédios de diversas naturezas, afinal de contas tão comuns, mesmo em famílias abonadas. Imagine-se entre os mais pobres e indefesos.

E assim uma história se compôs em minha cabeça, a seguinte.

*Assim pobre, analfabeta, trabalhadora na enxada, mas dotada de talento musical, Senhorinha foi levando sua vida. Com menos de 15 anos já tinha rapazes da fazenda onde morava cobiçando sua cintura jeitosa, seus modos de mulher. E a cada sábado de quermesse, casamento ou comemorações de santo, a sanfoneirinha era chamada a se exhibir e essas paixões só aumentavam. Por causa disso, teve gente que rolou na poeira do chão e puxou faca para alguém que até agora mesmo era amigo. Até que um Izé, levou a melhor. Não ao ponto de marcar casamento para quando seu Vigário viesse para a bênção anual, mas do jeito atabalhoado que se usava ali, com o sexo descuidado e sem maior culpa, praticado às claras sobre o capim dos pastos, ou oculto nas capoeiras de mato, mas logo sucedido pela parada das regras. E mais, em seguida, pelo aparecimento um buchudinho, mais um, num lugar onde eles eram legião. Ninguém se espantava, era coisa natural; depois de uma certa idade, pessoas e criações pareciam mesmo fadadas a tal destino. Depois, era ocupar uma das*

*casas que o fazendeiro mantinha para os empregados ditos “casados” e prestarem ambos, eles agora marido e mulher, as tarefas na enxada e na foice que deles se exigia, enquanto vivessem, como sempre fora e deveria continuar a ser. E os buchudinhos machos e fêmeas iam surgindo, ano sim, outro também. Só não se podia garantir é que todos conseguissem superar a barreira do primeiro ano de vida. E no final, o marido se engraçou com outra, mudou de ares e ela ficou sozinha com meia dúzia de seres a choramingar na barra de sua saia. A duras penas, a todos criou, o mais das vezes sem leite farto, mas com o cuidado que lhe era possível oferecer. Todos na enxada, desde quando conseguissem sustentar o peso da ferramenta. Um dia tropeçou no que lhe pareceu ser um toco no chão, mas era a lâmina de um enxadão velho, meio enterrado. Em sete dias estava mal, com a perna inflamada de maneira pernicioso, sem remédio por ali. Quando foi levada, tardiamente, ao médico da vila, a solução já era amputar. E voltou para casa para cuidar dos filhos, uma parte deles já crescidos – menos mal – apoiada agora em muletas de guatambu. O pau que lhe dera sustento como cabo de enxada era o mesmo que agora lhe dava apoio para andar a si e a suas coisas. Mas afinal, quem precisa de perna, ainda mais pela metade, para tocar sanfona? E foi o que ela fez por muitos anos, conseguindo juntar aos trocados que os filhos mais taludinhos ganhavam na enxada as gorjetas que o gerente, o padre ou algum empregado mais generoso lhe dava, quando tocava nas festas da fazenda. A filha mais velha se destacou na escola e foi levada pela professora para morar com ela na cidade. Na verdade, como empregada da mestra. Mas essa tinha tino e foi em frente: concluiu os estudos possíveis por ali e foi para lugar maior ainda, fez concurso para professora, arranjou marido formal e legal, teve seus filhos e logo que pôde levou a mãe, já velha e muito alquebrada, para morar com ela na cidade. Ali deu a Senhorinha talvez as maiores alegrias de sua vida, bem alimentada a tempo e a hora, dormindo em cama macia, tendo banheiro e água limpa dentro de casa, roupas limpas para vestir. E ainda podendo mostrar sua arte de sanfoneira àquelas pessoas tão finas e distintas, vizinhos naquela pilha de casas onde a filha morava. Nada mal. Senhorinha de fato estava bem feliz agora, como, aliás, nunca experimentara antes e nem imaginara conseguir.*

Mas isso é apenas uma história inventada. A vida real, certamente, teria sido menos benfazeja à pobre sanfoneira.

\*\*\*

## **Dias na vida de Filomena Dias**

*- Último dia para entrega do relatório, Filomena!*

É comigo, infelizmente... Todo dia a mesma coisa, alguém me anunciando que é o último dia ou que o prazo já venceu. De susto em susto, de aperto em aperto, vou levando minha vida de gerente em posto de saúde. Qualquer dia me anunciam – ou me cobram – o juízo final, só falta...

Mas tenho muito orgulho do que faço, estou aqui por ter sido aprovada em concurso e depois ainda ter feito uma formação para gerente. Isso entre um punhado de concorrentes. E tem mais, fui considerada, modéstia a parte, aluna destacada, a primeira a ser nomeada para a gerência, e já se vão quatro anos.

Mas cá entre nós, o que me faz sentir uma funcionária especial é o fato de que, ao contrário da maioria de meus colegas gerentes, eu não ser enfermeira, médica ou de alguma outra profissão de saúde. Este povo da injeção e da lavagem intestinal, sabem? Na verdade, sou formada em administração, com carreira longa na saúde, encarregada de faturamento em hospital durante um bocado de anos. E foi aí que fiz vestibular, cursei e concluí a faculdade. Mais um esforço, entre tantos...

*- Filomena, você já preparou a lista de medicamentos de urgência para este mês?*

Ó céus, lá vêm eles de novo...

Mas sabem, eu me considero, de fato, uma pessoa aplicada. Eu conheço na ponta da língua o estatuto do servidor e, além dele, todas as normas existentes com relação ao serviço público. Ponho minha vida nisso. Mas acho que cheguei quase à perfeição na contabilidade, no que me considero realmente capaz, particularmente no que diz respeito ao faturamento. E não tomo decisões de nenhuma espécie sem consultar certos livros de cabeceira, como o estatuto do funcionalismo, a coletânea das leis e das normas do SUS e até mesmo a Constituição. Aliás, além do curso de gerente já fiz vários outros de menor carga, por exemplo, na área de relações humanas no trabalho e de logística, coisas que eu simplesmente a-d-o-r-o.



Mas desde há três dias atrás, estou muito chateada. Não é que um programa de TV, daqueles sensacionalistas e muito cafonas, que muito apropriadamente se intitula “Barra Pesada”, deu grande destaque à reclamação de um cliente daqui da unidade, denunciando a falta de medicamento para *eleição*, seja lá o que isso for – acho que ele quis dizer *ereção*. Isso nem faz parte de nossa lista, só porque o laboratório mandou um punhadinho dos tais comprimidinhos azuis para se distribuir aqui, eles acham que isso vai durar o resto da vida.

Mas sei muito bem dos medicamentos que nunca deveriam estar em falta, de uso contínuo por muitos pacientes; mas mesmo estes, faltam. Mas devo dizer, depois que assumi esta gerência, nunca deixei de enviar as listas, a tempo e a hora. Eles atenderem direitinho é outra história.

*- Dona Filomena. O banheiro das mulheres está com um vazamento há quinze dias e não há mais papel higiênico no estoque.*

Filhos da mãe estes caras da manutenção!

Essas cobranças devidas à irresponsabilidade de outras pessoas me arrepiam até os ossos. Sempre cuidei de preparar as listas de solicitações à Secretaria, a tempo e a hora, seja de medicamentos, produtos de limpeza ou serviços de manutenção. Nisso coloco a maior atenção, com pontualidade quase religiosa e mesmo assim, muitas vezes, vejo falhar o esquema. O problema é que tem uns funcionários que mandam para trabalhar aqui que, sinceramente, Deus me livre. Esta Fabiana, por exemplo, que encarreguei de fazer a lista mensal de pedidos, já houve ocasião de atrasar a tarefa, por ter esquecido, por inacreditáveis quinze 15 dias. Quinze!

*- Filó, pelo amor de Deus: a lista de medicamentos de urgência é urgente!*

Pronto, isso é a rotina. O pior é que só posso fazer alguma coisa depois do final de semana e do feriado de segunda, pois hoje é sexta feira e já são cinco horas da tarde. E olhe que hoje seria dia de folga para mim, licença para compensar horas extras da última campanha de vacinação, com trabalho em pleno domingo. Será que não tenho direito nem a isso?

Ai, como estou cansada disso tudo! Já até marquei uma consulta com o psiquiatra do meu plano de saúde, pois tudo isso me faz ficar muito deprimida. Mas a espera que me anunciaram é muito grande. Meses...

*- Filomena, o que você faz aqui não serve para você? Só para os outros? Por que marca consulta em plano de saúde e não na clínica de especialidades aqui da Secretaria?*

Ora vai, só faltava essa. A pirralha aí só porque faz faculdade e estuda Sociologia se julga a dona da verdade e da consciência política geral. Mas estuda em escola particular... Por que não tentou numa Federal?

Pois é, tudo numa sexta feira. Mas na segunda serei a primeira a chegar no serviço, disposta, até a raiz do cabelo, a esclarecer tudo. Mas não é que me lembrei que Fabiana foi liberada (cruzes, por mim mesmo) para compensar suas horas-extras e mais outros acertos e que só retorna ao trabalho dentro de uma semana? Caramba, falha minha, brutal. O jeito é tentar resolver isso pessoalmente. Irei eu mesma à Secretaria – e seja o que Deus quiser.

Mas antes disso, outro contratempo: me lembrei que é dia de fechar alguns dos boletins do sistema de informação, coisa árdua, morosa, chata de fazer. O único computador disponível aqui no serviço tem pelo menos dez aninhos de uso e é tem uma memória de barata, além de estar muito sobrecarregado de dados. Vou ter que aguardar no mínimo mais dois dias para executar a providência, pois vejo que minha presença no serviço agora é fundamental, principalmente depois do noticiário depreciativo do tal *Barra Pesada*. Malditos!

Como se não bastasse – ai meu Deus! – me chega agora uma informação nova, trazida por uma funcionária da limpeza, a Adelaide, que parece confiar em mim e me pede total sigilo a respeito do assunto. Segundo ela, tudo o que aconteceu e foi parar na TV parece uma armação, pois uma mulher usuária, cujo nome ele não sabe, teria se desentendido com Fabiana e, na ocasião, algumas pessoas ouviram a mesma dizer que “um dia se vingaria”. Adelaide ainda vai além: o marido dessa dona, de nome Alcebiades, líder comunitário na região, vem se sentindo desgastado com os nossos serviços, e também com as pessoas que aqui trabalham. Mas eu,

Filomena, já saquei a raiz da confusão: Alcebíades, conhecido aqui como Bidinho, está revoltado, na verdade, é com o não-aproveitamento de algumas pessoas indicadas por ele para vagas recentemente abertas de Agentes Comunitários de Saúde. E além do mais, tem fama de abusador sexual...

Aqui tudo vai dar nisso: problemas pessoais mal resolvidos...

E deve ser verdade mesmo... Essa Dona Maria, mulher do tal Bidinho, é dessas pessoas que frequentam aqui muito amiúde – demais da conta, para falar a verdade – e mesmo se dando bem com alguns funcionários, principalmente com os médicos, não poupa outros membros da equipe de suas investidas, às vezes até caluniosas. Em outra ocasião, uma denúncia trazida por esta senhora eu pude perceber que era uma retaliação pessoal contra uma funcionária, vizinha dela, acusada por esta de “estar lhe paquerando o marido”.

Mas volto aos boletins de informação. Só completei o serviço na quinta feira, não mais na quarta, como pretendia, já que uma pessoa que me ajudava faltou. E só então consegui ir à Secretaria resolver a pendência que me atormentava já havia quase uma semana.

Mas então eu nem sabia como os meus problemas ainda iam aumentar – e muito. Não só o tal do Barra Pesada, que havia denunciado o problema da falta de remédios, como outros programas sensacionalistas de rádio, agora não falavam de outra coisa, até acrescentando detalhes comprometedores e mentirosos. Por exemplo, que ocorriam também trocas de medicamentos no ato da entrega a pacientes, levando algumas pessoas a piorarem seus sintomas.

Ai meu Deus: eu já estava, então, literalmente à beira de um ataque de nervos.

*- Filomena, mande urgente a lista das pessoas que terão direito à bonificação de acordo com a Portaria 132, o Secretário pede que seja logo!*

E fui à Secretaria, já com as pernas inteiramente bambas. Estava vendo a hora que ia fazer xixi nas calças. E ali vi minhas suspeitas se confirmarem: o medicamento que faltava, segundo a queixa divulgada nas rádios, realmente estava fora da lista

encaminhada duas semanas antes. Eu até me ofereci para levá-lo pessoalmente à unidade, mas o responsável pelo almoxarifado me disse, em tom de advertência (ó céus!), que isso contrariava as regras, e que eu teria de esperar pela nova data de entrega prevista, dentro de dez dias aproximadamente.

Lamentei muito, mas fazer o quê? Logo eu que, afinal de contas, sempre fui defensora intransigente de que “normas são normas”. Assim, tive que acatar a decisão da besta do almoxarife e aguardar pacientemente a normalização do atendimento.

Mas meus problemas, infelizmente, estavam longe de acabar...

No dia seguinte, um Promotorzinho de Justiça entra na história, exigindo do Secretário uma explicação para a falta de medicamentos na unidade. Já cheguei no dia seguinte encontrando mais uma notificação *urgente*:

*- Filomena, por favor justifique, por escrito, o acontecido, em prazo máximo de 24 horas.*

Neste mesmo dia, fiquei sabendo depois, o Barra Pesada mandou um repórter à unidade para me entrevistar e não me encontrou, já que eu estava na Secretaria preparando o relatório que o chefe me pedira. O repórter ameaçou aprontar um escarcéu sobre a ausência da responsável, “em pleno horário de trabalho”

Alguém me liga pelo celular, anonimamente, para dizer que existiria uma rixa entre Adelaide e dona Maria, que também eram vizinhas e tinham desavenças antigas, não sobre maridos, mas a respeito de demarcação dos respectivos terrenos.

Para completar a confusão, Fabiana me aparece alegando que o tal medicamento não foi solicitado simplesmente porque havia quantidade suficiente em estoque, me mostrando provas disso. Portanto, segundo ela, o que deve ter ocorrido é algum desvio.

Ato contínuo, o almoxarifado central se manifesta, pedindo que eu compareça para depor em uma comissão de inquérito visando esclarecer possível desvio de medicamentos na unidade.

Mas aí, então, até que enfim:

*- Sra. Filomena Dias, por favor entre em contato com a nossa Central de Marcação de Consultas.*

Fui para casa no último furo. Mas pelo menos, finalmente, tive a consulta marcada com o psiquiatra, ou psicólogo, sei lá, o Doutor J. Pinto Fernandes, que ainda não havia entrado na história.

Mas fui obrigada a desmarcar a consulta, pois tinha que dar conta de todas aquelas coisas atrapalhadas. Aliás, atrapalhada mesmo está minha cabeça. Vejo que, mais uma vez, para meu desgosto, terei que ajeitar meus grilos debaixo do tapete.

\*\*\*

## **Phantasia e Belgladesh**

Era uma vez um Reino, muito distante daqui no tempo e no espaço, chamado Phantasia. Seu rei, Eu-ricus, muito poderoso e dono de muitas posses, tinha um único filho, Patricius, cujo sonho era estudar a Arte de Curar. Toda a família era impressionada com a destreza com que Patricius esfolava e depenava pássaros, retirando com perícia, de seus corpinhos ainda cálidos, os corações pulsantes. Todos queriam que o príncipezinho seguisse a carreira de *Perscrutador*, que era o nome que se dava aos praticantes da Arte de Curar e todos tinham certeza que ele se dedicaria ao estudo das cavidades esquerdas do coração, que era um ramo importantíssimo da perscrutatória da época.

Naquele tempo, grassavam muitas doenças destas cavidades, tanto é que várias pessoas da família de Eu-Ricus e de sua mulher haviam adoecido e mesmo morrido em consequência das mesmas. Patricius era muito curioso a respeito de doenças e doentes e descobrira que as tarefas de *Perscrutador* lhe cairiam como uma luva e haveriam de lhe granjear grande prestígio e muito dinheiro, pois não só pessoas de sua família como muitas outras, ligadas a ela por laços de sangue e de nobreza, padeciam das tais doenças cardioossinistras.

Quanto ao acometimento das demais cavidades do órgão, ou mesmo do corpo, bem como de outras camadas da população, Patricius pouco ou nada sabia, pois todo o seu pensamento, até então, fora dedicado a se imaginar um *Perscrutador* notável, um *cardioossinistrólogo*, como outros que ele conhecera nos saraus da corte, todos muito queridos e muito abonados.

Assim foi que o príncipe chegou à idade de frequentar a Academia da Arte de Curar e foi encaminhado por seu pai a uma notável instituição de seu tempo, conhecido como HUBrius, onde a maioria das famílias nobres punha seus filhos a aprender a Arte. É bem verdade, que já àquele momento, um Rei vizinho, por nome Jofranus, resolvera criar sua própria Academia, com a justificativa de que no Hubrius não se ensinava corretamente a Arte e de que era preciso dar oportunidade a muitos no aprendizado da mesma. Apesar disso, Eu-ricus, apegado à tradição como um Rei que se preze, mandou Patricius para o Hubrius, recomendando que ele dedicasse o

melhor de seus esforços ao aprendizado da Arte, o que, afinal de contas, era um destino traçado para ele desde a infância. Além do mais, não tinha cabimento que todos aqueles passarinhos inocentes tivessem sido sacrificados em vão.

Patricius, justiça seja feita, saiu-se muito bem no Hubrius, tendo sido até escolhido por seus pares para fazer a tradicional *Homenagem aos Pais*, durante o rito de passagem final da Academia. É certo que ao findar seus estudos, Patricius se envolvera em uma polêmica desgastante com Epidemonis, um velho lente da Faculdade que cismara de mudar a tradicional e bem posta ordem das coisas, ao dizer que os alunos deviam também cuidar das pessoas pobres, estudar outras matérias além daqueles que tratavam do corpo e dos elementos físicos, além de praticar em ambientes diferentes das tradicionais *salas perscrutatórias*. Patricius, galhardamente, liderou a reação contra tais medidas estapafúrdias, argumentando muito apropriadamente que ele e seus colegas não tinham vindo à Academia, e com tantos sacrifícios, para praticar algo que não fazia parte de nenhuma tradição conhecida a não ser, claro, que tudo não passasse de uma invenção diabólica do notório Epidemonis, um sujeito que, além do mais, era conhecido no Hubrius e fora dele como portador de pensamentos fora de linha, donde sua alcunha jocosa de *Epidemonius*.

Superado e esquecido este episódio desagradável, que quase empana o brilho do grande festival que Eu-ricus promovera para homenagear seu filho, agora iniciado na Arte, Patricius resolveu seguir o caminho de todos os filhos das boas famílias da época: procurar o Reino de *Terra Mater*, para se aprofundar na perscrutatória das cavidades (esquerdas) do oração. E assim veio a conseguir, graças a um Arquiduque que devia favores a seu pai, uma vaga no Incorus, que era o nome do Templo onde melhor se praticava tal mister.

Longa é a Arte, curta é a Vida... Passados cinco invernos, Patricius finalmente cumpriu o rito final da Arte de Curar e recebeu a prebenda de *Perscrutador Hermenêutico e Douto*, ou «PHD», como singelamente se dizia então em *Terra Mater*. Como os anos passados em tais estudos profundos o haviam deixado muito esgotado do espírito e dos nervos, Patricius, com licença de seu pai, pôs-se a correr o Mundo, para conhecer outros Reinos e travar contato com perscrutadores de

outras Academias, no que foi muito bem sucedido, tendo feito inúmeras amizades e mesmo sido convidado a colaborar em diversos alfarrábios que então se editavam aqui e ali sobre o tema das preocupações de nosso herói: os distúrbios das cavidades sinistras, etc.

Chegara entretanto, e finalmente, a hora de retornar a sua velha Phantasilia... Ah pobre Patricius! Quando ele vagava feliz e inocente pelos reinos da Disnéia e da Orlândia, jamais poderia imaginar que tudo mudara em seu país e que o mundo que ele conhecera simplesmente desabara! Para dizer pouco: a Monarquia fora derrubada e seu pai obrigado a se exilar em um Reino vizinho, a Penúmbria, sob a guarda de um monarca e amigo. Os bens da família tinham sido confiscados, seu poder extinto. Aliás, o próprio nome de seu país natal fora mudado, era agora *Belgladesh*. O Hubrius entrara em decadência e Jofranus, em seu Reino à oeste, não cabia em si de contente com o sucesso de sua nova Academia, da qual agora emergiam chusmas de novos perscrutadores cavitários.

Patricius, entretanto, não se deu por vencido e encarou firmemente a realidade, indo abrir sua *Sala Perscrutatória* em um bom local, próximo às antigas residências da nobreza. Mas, qual! A nobreza se dispersara e os poucos que ficaram não tinham numerário para recompensá-lo. Alguns até mesmo descobriram que nem doentes eram de verdade, mas que haviam sido enganados por um certo *Perscrutador* de nome Iatrogenicus que andara pelo Reino, por coincidência num tempo em que os diagnósticos brotavam como cogumelos à sombra.

Passados dois anos de sofrimento, o belo pergaminho que certificava sua passagem pelo Incorus esquecido em uma parede (e depois em um fundo de gaveta), Patricius teve que abrir mão de toda sua expectativa e de toda sua ilusão, cultivadas nos anos do Incorus e nos reinos estrangeiros. Vai então, envergonhado, à procura de um reles *emprego*, mediante soldo, para praticar a Arte. E aí, horror dos horrores, dá com os costados em um lugar onde os doentes eram doentes não só das cavidades do coração, mas também de outras partes do corpo e até mesmo da alma, além do mais sendo pobres, muito pobres – pobres de doer! As *salas perscrutatórias* e a vasta equipagem de um *Perscrutador* nada valiam naquela situação – e era assim em toda Belgladesh, ex-Phantasilia.



Foi então que Patricius lembrou-se de seu antigo desafeto Epidemonis, dito *Epidemonius*: quem sabe ele não tivesse razão? Mas aí, então, já era tarde, muito tarde...

\*\*\*

## A luta mais vã

Lutar com palavras / é a luta mais vã. / Entanto lutamos /  
mal rompe a manhã. / São muitas, eu pouco.  
CDA – O Lutador

Hoje ganho a vida fazendo tal trabalho... Tenho até certa vergonha em dizer isso. Me anuncio até em *outdoors*, em ruas próximas às faculdades: “melhoro sua monografia”. Já mandei até fazer faixas e folhetos. Para ser mais fiel à verdade eu poderia ter dito “escrevo”, ou “faço”, ao invés de “melhoro”. Mas algum pudor ainda me resta.

Não me considero um falso intelectual ou coisa assim. Se alguém quiser usar palavras feias contra mim, que o faça para esses, digamos assim, clientes. Eu tentei ganhar a vida por vias mais usuais do que essa. Sou formado em letras e literatura. Comecei minha vida dando aula na rede pública, mas depois de quase apanhar na sala de aula mais de uma vez, resolvi mudar para algo menos arriscado. Fui fazer mestrado em literatura, tentando fazer a decodificação, para o mundo atual, da poesia portuguesa do século quinze. Sá de Miranda, foco de meu estudo, é o meu poeta predileto, desde sempre. Dissertação defendida, emprego, que era bom, nada de aparecer. Tentei redação de publicidade, mas a agência em que eu trabalhava fechou, por causa da pandemia. Peguei aulas em um colégio de freiras, mas colocaram tantas restrições em relação aos livros que eu recomendava aos alunos, que no final do ano nem renovei o contrato com elas.

E foi aí que vi um desses cartazes anunciando aperfeiçoamentos nas monografias universitárias e pensei comigo: *eu com certeza faço isso melhor do que eles*. E não tive dúvidas, entrei de sola neste campo. E vou ser sincero: dá pra ganhar um dinheirinho. Com alguma diversão ocasional também, principalmente se você não se levar muito a sério, bem como a tal tarefa em si, sem falar dos demandantes.

Imaginem vocês o primeiro desses intelectuais de araque que me procurou, um verdadeiro iluminado. Estudante de História, à falta de outro assunto, resolveu procurar algo de impacto, optando assim por fazer sua monografia sobre a Inconfidência Mineira. Trouxe algumas anotações, que li a duras penas – e de cara me arrependi de não cobrar também pelo sofrimento que tive em decifrar aquelas

garatujas mal arranjadas. Naquele rascunho não havia nenhuma referência à Revolução Francesa, ao Iluminismo, à Arcádia, a personagens como Voltaire, Diderot, Thomas Jefferson, Tocqueville, Claudio Manuel, Benjamin Franklin e outros. Suas ideias se atinham apenas às peripécias de um dentista prático pelas estradas das Minas, como se ele fosse o único personagem do levante anticolonial. Ele queria, enfim, como me disse, se “concentrar” apenas nas façanhas de Tiradentes, achando que o resto apenas “complicaria” demais o tema que ele escolheu. Sabem aquela história do tal crioulo doido? Pois é: era mais ou menos isso que eu tinha na minha frente.

Topei a parada, cobrando um pouquinho mais caro do que estava inclinado a fazer. O grande historiador nem reclamou, o que já me ajudou a definir melhor o que eu poderia chamar de uma “política de preços” de meus serviços daí em diante. Mas não posso negar que ele me foi grato, ao me encaminhar alguns colegas, seja da História ou de outras áreas, que padeciam do mesmo problema que ele, ou seja, falta absoluta de inspiração e conhecimento para fazer uma monografia universitária que justificasse tal nome.

Ah sim, resolvi o problema do tal sujeito com duas ou três leituras, que acessei pela internet, sem maiores “complicações”, diga-se de passagem.

Na esteira deste aí me veio outro, estudante de veterinária, que queria demonstrar a inocuidade das vacinas. *Quais vacinas?* indaguei. E ele, sem titubear: *todas!* Perguntei se ele já tinha lido alguma coisa sobre isso e ele me falou que sim, tinha lido, de passagem, uma entrevista de Nise Yamaguchi sobre o assunto, mas acumulara “ao longo de sua vida” uma série de evidências sobre tal tema. Fiquei pensando qual seria o significado, para ele, das palavras “ao longo da vida”, considerando que ele talvez mal tivesse ultrapassado a barreira dos vinte anos. Este aí eu dispensei, alegando excesso de trabalho.

Mas não posso negar que com essa nova “profissão” (digamos assim) minha vida mudou. Não que venha ganhando muito dinheiro desde então, mas bem que me divirto com as ousadias intelectuais da moçada.

Há também os que aparecem absolutamente sem uma ideia ou um tema a desenvolver. Nada... Com estes aí a tarefa é árdua. Tenho carregado na pasta um exemplar de uma antiga enciclopédia juvenil chamada *O Tesouro da Juventude*, para ver se ao folheá-la estes indecisos encontrem, finalmente, uma motivação. Mas nem sempre dá certo.

Não posso me queixar. Chegam às minhas mãos, além das inquestionáveis verdades sobre a ineficácia das vacinas, coisas tão extraordinárias como um estudo sobre a catacrese em Camões; a influência de Frei Caneca no desenvolvimento do frevo pernambucano; a possibilidade da fotossíntese em animais; a refutabilidade da teoria da esfericidade dos astros; a ontologia das anedotas lusitanas no Brasil; as relações entre o hábito de mascar talos de capim e a cárie dentária; a pesquisa do gene da felicidade; a relação entre a gramatura do papel higiênico e as hemorroidas; a regularidade dos ciclos menstruais e as fases da lua; a numerologia e o destino das pessoas; a genética da produção de gases intestinais; as propriedades afrodisíacas do talo de mamoeiro; o extrato de baratas como indutor da imunidade em ratos; os anacolutos na obra de Augusto dos Anjos; a cueca samba-canção e a fertilidade masculina; a salubridade do uso (ou não) de calcinhas pelas mulheres; a comparação entre linguagem denotativa e plurissignificativa no modernismo brasileiro; a semântica da pornografia sexista; o uso das metáforas, hipérbolos e elipses na música brega; o racismo em Castro Alves; o preconceito indiofóbico em José de Alencar; o sexismo e o etarismo no Sítio do Picapau Amarelo; o erotismo em Machado de Assis; a dissimulação em Guimarães Rosa; o bolsonarismo à luz do Ptalopep; a relação entre a primeira relação sexual em meninas e seu mês de nascimento; a cor da pelagem e a incidência de carrapatos em caprinos; o uso de produtos lácteos e a intensidade de odor dos flatos; a ingestão de glúten e a disfunção erétil em jovens; as práticas sexuais heterodoxas entre evangélicos neopentecostais; os fatores culturais da crença em objetos voadores não identificados; as narrativas de quase-morte e de regressão a vidas passadas entre moradores de rua; a intolerância ao coentro e a violência contra as mulheres que cozinham – e assim por diante. Isso para citar apenas alguns exemplos mais marcantes.

É realmente uma coisa de enlouquecer. Depois de tantos anos neste ofício, nem sei mais em que acreditar ou pensar. Às vezes me pego observando um caminho de formigas e imaginando qual a relação entre a direção de suas passadas e a viabilidade das florestas de permacultura. Nossa! Acho que estou de fato com o juízo mole. Mas afinal de contas eu preciso ganhar a vida. Ao fim e ao cabo, pena que eles sejam tantos, enquanto eu, lamentavelmente, muito pouco, como disse o poeta.

Agora me vem esta coisa de ChatGPT... Só me faltava esta: não bastassem aqueles adolescentes agressivos e as freiras repressoras, parece que meu trabalho vai acabar extinto.

\*\*\*

## **Afinidades eletivas**

Gustavo chegou da escola chorando, inconsolável. Não era costume seu. A mãe, preocupada:

- *Por que você está assim, Gugu? Conta pra mamãe o que aconteceu.*
- *Ele falou que eu tenho um nome de cobra.*
- *Nome de cobra? Que história é essa, quem lhe disse isto?*
- *Aquele menino lá.*
- *Como é o nome dele?*
- *Acho que é Renato. Vou bater nele com uma pedra.*
- *Filho, não faça isso!*
- *Não posso fazer nem isso nem nada, Mamãe? Mas eu preciso muito fazer alguma coisa...*
- *Então você faz o seguinte: diz para ele que Renato é nome de pato. E vai ficar tudo resolvido.*

Volta no dia seguinte, ainda choroso e aborrecido com a vida.

- *O que foi meu filho, agora?*
- *Ele não se chama Renato...*
- *Qual é o nome dele, então?*
- *Esqueci de perguntar...*
- *Amanhã então você pergunta.*

Volta para casa finalmente alegre, no modo *Gustavo* habitual de convivência. A mãe nem lhe pergunta nada; ele próprio se prontifica a esclarecer.

- *Sabe o Pablo, Mamãe?*
- *Quem é Pablo? Será que eu conheço?*
- *Aquele coleguinha que eu pensei que era Renato.*
- *Sim, claro, a Mamãe se lembra. O que aconteceu?*
- *Não aconteceu nada. Ele agora é meu amigo.*

Um dia depois.

- *Sabe a Manuela, Mamãe?*
- *Sim Gugu, a filhinha de minha amiga Neide, da sua idade.*
- *Ela mesmo, irmã do Joaquim...*
- *E o que tem a Manuela?*
- *Você sabia que ela falou que queria namorar comigo?*
- *Nossa! Verdade, Gugu? Quando ela falou isso?*
- *Hoje, na hora do recreio...*
- *E você, o que disse para ela?*
- *Falei que sim, mas só se o Pablo pudesse também brincar disso, com ela e eu.*
- *Você acha mais legal assim?*
- *Sim mamãe. O Pablo é o melhor amigo que tenho agora.*

Passam os dias. Não se teve mais notícia do triângulo amoroso. A mãe resolve especular depois de algum tempo.

- *Então, Gugu, quais são as novidades na escola.*

- *Chegou um menino novo lá, grandão. Ele é tão estranho... Já mordeu umas crianças na sala da gente. Teve até que ir para a diretoria.*

- *Quis morder você também?*

- *'Ni' mim não, só no Pablo.*

- *No Pablo, coitado! E você, o que fez?*

- *Eu 'esculpi' nele!*

- *Cuspiu? Que coisa feia. Não é assim que a gente faz. Tem que avisar pra professora!*

- *Ele mordeu 'nela' também...*

- *Mas mesmo assim...*

- *Mamãe, é que eu sempre 'protojo' as pessoas que eu gosto, viu?*

Nisso a mãe encontra sua amiga Neide na porta da escola. Conta-lhe a novidade das intenções de namoro de Manuela com Gustavo e a resposta dele, propondo incluir o amigo. Neide acha graça, não sabia de nada. Mais tarde, em casa:

- *Gugu você não falou mais nada da Manuela... Está tudo bem com vocês?*

- *Eu nem vi ela hoje... Acho que está doente, de catapora.*

- *Acho que ela estava na aula, sim. Até encontrei com a mãe dela na porta.*

- *Ah, é porque a gente quase não conversa mais...*

- *Mas vocês não iam até namorar?*

- *Ela queria mesmo. Até namorar o Pablo junto comigo. Mas ele não quis.*

- *Não quis? Como assim?*



- *Ele falou que ela tem nome de coruja... E me chamou para gente juntos namorar a Lis, que é loirinha e tem olho azul. Ele gosta mais dela. Disse que o nome dela é de tartaruginha listrada.*

- *E você? Gosta mais como?*

- *Gosto mais de quê, Mamãe?*

- *Olhos... Qual cor prefere?*

- *Eu? Qualquer cor...*

- *E vocês contaram para a Lis que estão interessados em namorar com ela?*

- *Eu não. Vou aposentar deste negócio de namorar, como o vovô fez com o trabalho dele. Agora só quero casar, mas não achei ninguém pra brincar disso comigo. Acho que sou novo ainda. E dá muito trabalho...*

Passa o tempo...

- *Mamãe, agora briguei com o Pablo.*

- *Por que, meu filho?*

- *Ele falou que meu nome é de cachorro.*

- *E você, o que disse pra ele?*

- *Cachorro e dinossauro são os bichos que eu gosto mais! Não estou nem aí... Pior é ele, que tem este nome que parece de 'covirus'.*

- *Mas vocês brigaram, de cuspir, bater?*

- *Não, a gente agora é de cinco anos, não briga mais. Foi cada um pra sua casa. Amanhã a gente combina o que vai fazer. Sabe, Mamãe: de noite a gente sempre pensa as coisas melhor do que durante o dia.*

\*\*\*

## O crido e o havido

Do justo o certo, do certo o crido, do crido o havido. [...] Pois então o senhor mesmo me diga: o que foi que ele foi fazer? Que saiu daqui, em encoberto, na vagueação, por volver meses, mas com ponto de destino... (J. Guimarães Rosa – O Cara de Bronze)

Meu nome é Antônio, mas meu médico, não sei bem porque, resolveu me apelidar de Porfírio. Ou melhor, eu no começo nem sabia de onde vinha tal apelido, mas quando descobri, achei até bem-posto. Depois eu explico.

Tudo começou há uns bons anos atrás. Eu era moço e aliás muito bem disposto para cuidar das coisas que meu pai, que Deus o tenha, me deixou. Umas terras, algum gadinho e a esperança que as coisas sempre iam melhorar, com a chuva, com a sorte, e mais o trabalho de quem nisso bota fé. Eu tinha tudo, mas um dia me faltou o que não podia faltar: um pouco de sorte. Quem é que manda no corpo da gente? Esta máquina complicada com seus mil nervos, músculos, juntas, tripas, sangue, este sarapatel que se ajunta dentro da gente e que só os médicos – e muitas vezes nem eles – dão conta. Para não falar do que encobre tudo isso, a pele, que parece um para-raios, sempre a recolher as influências de fora e de dentro da gente. Cruzes!

Mas eu dizia: eu era moço e o balaio da minha vida, com suas tantas laranjas, andava cheio até as bordas. Levantava cedo, ia para a lida no campo e voltava para casa já na boca da noite, lamentando que o dia fosse tão curto. Porque, para mim, de bom tamanho estaria até se fosse maior. Mas um dia comecei a notar que a pele me ardia além da conta, parecendo que correram uma lima das grossas em cima de mim, total. Efeito do sol achei que não fosse, porque desde criancinha o que mais fazia era receber seus raios chapados nos braços, na testa, na nuca, onde quer que fosse terreno de pele deixado a descoberto. E não parou nisso, comecei também a botar bolhas por todas essas partes. E essas não doíam, mas vazavam ao ponto de me enxarcar a camisa e fazer grude. Até eu tinha nojo.

Tentei andar coberto, camisas de mangas longas, lenços no pescoço. Fiquei parecendo uma freira – ou algum tipo das estranjas, nem sei. Mas aí o calor me

matava; eu não dava conta de andar daquele jeito pelo dia a fora. O jeito era ir ao médico. E fui.

Doutor Hermógenes me recebeu muito bem. Ele era especialista em doenças da pele e eu já fui direto nele, decidido a não perder tempo com intermediários. Ficou me examinando uma hora inteira, usou até uma lente para escarafunchar melhor, raspando aqui e ali com uma espécie de faquinha. Era um cara atencioso, de um tipo que é difícil se encontrar hoje em dia, principalmente entre os médicos. Pediu um tantão de exames, de sangue, de urina e até mesmo da farofinha que ele me recolheu na pele com sua raspadeira. Quando voltei uns dias depois, para ver o resultado de tudo, ainda pediu mais um monte de testes. Eu já estava quase desistindo daquilo. Mas na terceira vez que lá fui, me disse que tinha uma boa notícia: havia um diagnóstico. Mas que eu não me animasse muito, pois havia coisa ruim também: aquilo era uma doença sem cura.

- *Mas sossegue, meu rapaz, você pode controlar isso aí com bons cuidados com seu corpo.*

E assim me explicou tudo, tim-tim por tim-tim. Era tão complicado que eu nem sei contar direito, uma doença do sangue, mas não dessas que a gente pega quando leva uma má vida, ele me tranquilizou. Havia qualquer coisa errada com a minha *hemo-não-sei-o-quê*, que tinha uma química atrapalhada – foi o que entendi – na qual o ferro estava alterado. Eu nunca soube que dentro da gente tinha um metal assim, cruzes! Aquilo era genético, me veio como herança de família. Miséria, pensei, nunca tive pai ou parente rico para deles herdar alguma coisa boa e me vem uma porqueira dessas. E mais, que aquilo me impedia de me expor ao sol e tudo o que se podia fazer era evitar isso, ao máximo. O nome da tal quizumba era *porfiria*. E foi assim que ele me botou o apelido de que falei antes.

Não gosto de apelidos, mas aquele doutor Hermógenes era tão gente boa que acabei aceitando aquilo. E quando eu ia visitá-lo, já na porta do consultório me chamava, alto, para todo mundo ouvir: *Porfírio Belizário de Albuquerque!* Eram meus sobrenomes verdadeiros – e eu bem que achava graça naquilo.

Mas tinha aquela coisa ruim, que era passar o resto de minha vida coberto, como um monge – ou freira – penitente. Além de usar na pele, por obrigação, uma montoeira de cremes que iriam acabar fazendo de mim um tipo de rosca ou sonho de padaria. Mas me conformei; era o caso, de fato, de arranjar um jeito de mudar minha vida.

A primeira coisa que fiz foi desistir de ser fazendeiro. Como é que eu podia olhar gado no pasto e gente no eito sem poder sair ao sol? Tive sorte, sem que eu esperasse apareceu um sujeito que me comprava tudo, por um bom preço. Depois descobri que quem levou a melhor foi ele mesmo, ou a empresa em que ele trabalhava, porque aquelas terras estavam perto demais da cidade e iam fazer ali um desses condomínios para o povo endinheirado. Mas aí já era tarde e não me chateei demais, pois precisava ajeitar minha vida também. Comprei uma casa na cidade e fui viver minha sina de prisioneiro, ou de pessoa temente, vejam só, não a Deus, mas aos raios do sol.

Se eu insistia em sair de casa a irritação da pele e as bolhas só pioravam. Decidi me aquietar de vez. Mas sempre me dava a sapituca de querer sempre saber notícias do mundo lá fora. Foi então que apareceu o Ivo.

Ele, nos seus quinze ou dezesseis anos, era meu vizinho de rua, garoto curioso, sempre dava com ele me espiando por cima do muro, mesmo eu todo o tempo dentro de casa. Um dia perguntei: *quer trabalhar para mim?* Ele parecia já ter a resposta pronta. Antes que eu acabasse de perguntar já me veio com um *sim* de todo tamanho. Nem quis saber que tipo de tarefas eu tinha para ele. Aliás, nem eu sabia muito ao certo. Mas para começar mandei ele ir até o doutor Hermógenes para ver se ele tinha alguma novidade em relação ao meu tratamento. Voltou meia hora depois:

- *O doutor disse que não tem nada de novo por enquanto. Mas parece que não era para o senhor o recado, falou de um tal de Porfírio.*

Agradei, rindo por dentro do engano. Mas o diabo do rapaz fez um acréscimo que me fez rir mais ainda:

*- Mas deixa eu lhe contar uma coisa, moço. Peguei ele fazendo uma coisa esquisita. Resolvi espiar pela janela e ele estava com uma mulher, a saia dela levantada até a cintura e ele espiava as pernas dela com uma lente deste tamanho...*

Expliquei para ele o que era um dermatologista e como este tipo de médico trabalhava. Mas o Ivo não pareceu botar muita fé em minha conversa. Deixei para lá. A tarefa seguinte foi mandá-lo ao mercado, com uma lista de compras. O diabo parecia ter asas nos pés, voltou menos de uma hora depois, com o pacote nos ombros e mais novidades.

*- O senhor sabia que estão vendendo carne de cavalo por lá? Vi também umas pelancas que para mim eram de algum cachorro morto. Pois é, estão vendendo...*

Deus do céu. Era o caso de se botar fé naquilo? Mas nos dias seguintes as novidades continuaram.

Mandei-o a Prefeitura, para pegar as guias de imposto da casa:

*- O Prefeito vendeu o prédio e se mudou da cidade. Levou o cofre e a mulher do vereador junto.*

Quando passou pela porta da Igreja:

*- O padre não está mais lá. Largou a batina e foi casar.*

No Fórum, para pegar uma certidão:

*- O senhor sabia que agora pode casar mulher com mulher e até homem com homem?*

E mais:

*- Dizem que vai vir uma chuvarada forte, com trovoada batida e uma ventania doida, com um tanto de areia pra cima de nós. Estão falando que é o caso de nós tudo se mudar daqui.*

Fiquei um pouco irritado com tanta imaginação. Evidentemente aquilo tudo só podia ser mentira. Mas para uma pessoa reclusa como eu, sem poder sair de casa, sem maior contato com o mundo, seria até divertido. Aí comecei a querer que ele me trouxesse qualquer coisa que acontecesse na cidade.

- *Um homem xingou um Santo lá na vila e então se abriu debaixo dele um buracão de todo tamanho e ele agora está lá pedindo pelo amor de Deus para tirarem ele.*

- *O 'Ebezener', dono da igreja dos crentes, botou fogo no salão lá deles e deu um tiro na cabeça em seguida.*

- *A mulher do motorista do ônibus da escola ficou com ciúme e cortou os documentos dele com uma faca. Tá presa agora.*

- *Dizem que lá na prainha agora pode nadar pelado. E tá cheio de gente para apreciar aquilo. E já deu até polícia lá para vigiar o povo.*

- *Tem um montão de gente chegando de um lugar que eles nomeiam de Valenzuela, parece que tá todo mundo com fome, querendo tomar as coisas da gente.*

Aquele ali, sem dúvida, sabia de coisas além da conta. Ouvia o galo cantar, mas não sabia aonde – e nem se era galo mesmo. E as novidades não paravam de chegar, em verdadeira enxurrada. Eu me divertindo.

Um dia:

- *Encontrei o Doutor Hermógis na rua e ele me disse que descobriram um remédio danado de bom para o senhor. Vai lhe curar.*

Seria bom se fosse verdade, mas eu já estava conformado, com aquela doença e com a companhia daquele patife. Além disso, não era questão de acreditar nas lorotas que aquele sujeitinho me trazia. Era diversão mesmo, deixei correr. Afinal, mais vale uma alegria de quando em vez do que uma vida atolada em seriedade bovina. Já me basta a falta que o bom sol me faz. \*\*\*

## **Janela indiscreta**

Eu bem vi que o porteiro tentava me avisar de alguma coisa. Não dei muita atenção, pensei que ele falava dos pivetes que andam por ali. Com estes já estou acostumado, não levam a melhor comigo. Mas dessa vez o perigo era outro, uma calçada escorregadia. E assim eu fui parar no chão. Ato contínuo, no Pronto Socorro.

E agora em casa estou eu, com a tibia partida, mínimo vinte dias de repouso forçado, me arranjaram até uma cadeira de rodas, para me locomover por área restrita, na qual, aliás, um simples degrau se interporia como uma muralha.

Meus pensamentos iniciais foram para James Stewart, o fotógrafo acidentado no filme de Hitchcock, *A Janela Indiscreta*, que acaba descobrindo um crime, graças à sua observação dos vizinhos. Em sintonia com ele tenho à minha disposição apenas esta janela nos fundos de casa, pois não sou fotógrafo, muito menos profissional. Neste quesito, aliás, tenho apenas a câmera do celular, embora não chegue a dominar todos os recursos que ela me oferece. Ah, sim: me falta também uma boa Grace Kelly. Mas aí seria querer demais.

Mas nesta primeira semana de prisão domiciliar comecei a praticar uma coisa que em minha vida normal não fazia. Primeiro, perceber que também existem vizinhos por aqui. E também que eles têm vida e se agitam o dia inteiro. E além disso, sentir certo prazer em bisbilhotar seus movimentos.

E o melhor é que, mesmo não sendo fotógrafo, descobri que também disponho de um instrumento que faz meus dias menos monótonos. Ou seja, na falta de uma câmera e capacidade para manuseá-la, conto com um computador portátil, no qual brinco de fazer uns textinhos desprezíveis – ou nem tanto. Mas agora a ocasião se me oferece de mão cheia, e assim me inflo com a habitual veledade de finalmente ser um quase – ou pseudo – escritor. Quem sabe também descubro algum crime por aqui como fonte de narrativa?

Esta mulher da casa do lado, por exemplo. Já vi que tem um filho, uma criança de quatro ou cinco anos. Trata-o com carinho e zelo, mas curiosamente não o tem consigo durante todo o tempo. No último final de semana, por exemplo, ele nem

apareceu por ali. Em seu lugar um sujeito de barba e cabelo ruivos, portador do hábito de dormir e acordar tarde, fumar a toda hora alguma coisa com odor de corda queimada e tocar sanfona em altas horas. E de quebra andar pelado pela casa, aproveitando para fazer uns passos de dança em tal estado. Enquanto isso sua hospedeira passa horas e horas concentrada em seu computador, com a devoção de quem está escrevendo uma tese de doutorado ou algo assim.

Há também uma faxineira que vem uma vez ou duas por semana, mas limpeza mesmo aparentemente só acontece quando ali chega uma outra mulher, esta de cabelos brancos, que tem todo o ar de mãe da dona da casa e inclusive é chamada pela criança de *vovó*. Parentesco esclarecido, portanto. Quando *vovó* está em casa, o ruivo não aparece e, portanto, não faz o habitual desfile em pelo. E *vovó* bem que se esmera nas tarefas de faxina, que incluem até mesmo limpar a caca do cachorro. Quem não queria ter uma mãe assim?

Do outro lado, mas ainda com visão acessível através do meu novo veículo de duas rodas paralelas, uma mulher que aparentemente mora com um filho. Ou, pelo menos, com uma criatura que somente aparece por lá depois de altas horas, se é que aparece. A moradora principal é da minha idade, longe de ser uma jovem, portanto. Mas trabalha como uma condenada, todo o dia. É uma casa grande, de três pavimentos e com frequência a vejo na sacada do andar de cima, na janela do que parece ser a cozinha logo abaixo, e também no quintal. Sempre com uma vassoura ou espanador na mão, chegando ao cúmulo de se apresentar com tais instrumentos às vezes por duas ou três vezes ao dia no mesmo cômodo da casa. Isso quando não está no quintal, varrendo folhas secas ou tratando das galinhas.

O filho, ou aquele sujeito que supostamente possui tal condição, raramente aparece, a não ser nos finais de semana, quando enche a casa de sons, parecendo aficionado nos standards americanos dos anos 50. Esta é a parte boa, pelo grau, digamos, *democrático* com que coloca botão de volume de seu aparelho de som ao alcance dos vizinhos. Mas não se pode negar, tem bom gosto na sua seleção. Gosto especialmente das faixas instrumentais com Brubeck, Duke Welington, Armstrong e outros monstros do jazz. Não me incomoda, em absoluto. Aliás, dou graças a Deus



por não ter na casa ao lado um apreciador do gênero sertanejo, como é o caso do casal dos fundos.

Nos finais de semana, porém, o panorama proporcionado por tais vizinhos é outro. A eterna faxineira descansa a vassoura e o espanador, bem como da lida do galinheiro. Ali pela seis da tarde da sexta-feira aparece toda empetecada, cabelo arrumado, salto alto, lindos vestidos em cores metálicas e brilhosas. Aparentemente vai a algum lugar de pompa e circunstância. Um clube de dança, ou algo assim. Mas o pequeno volume retangular escuro que leva a tiracolo me desperta suspeitas de que talvez seja uma bíblia. Sabe-se lá. Do alto de minha cadeira de rodas é impossível descobrir. Mas me deixa curioso, sem dúvida.

Após a saída da matriarca, o apreciador de jazz entra em cena, não tão aprontado como sua suposta mãe, mas vestido mais casualmente, de camiseta e shorts, às vezes apenas de cueca. Transita entre os andares sempre com um copo na mão, sem deixar de abastecê-lo a cada aparição. Não raramente recebe convidados, sendo o mais frequente desses uma moça que chega em moto-taxi. Esta, pelo visto, é a visitante preferida, pois costumeiramente atravessa a noite junto dele, escutando Glenn Miller, Ray Charles, Nat King Cole *and others*. Quando chega a vez de Chat Baker as luzes geralmente se apagam e isso me impede de dar notícias sobre o que mais acontece.

Não sei dizer, contudo, a que horas retorna à sua morada aquela dama de salto alto e vestido metálico. Certamente estou em pleno sono quando isso acontece.

Mas eu falava de dois apreciadores de música sertaneja. Sim, porque na casa dos fundos mora um casal. Não os vejo, aliás, nunca os vi, sendo o nosso território confrontante ocupado por uma sebe de bambus bem alta, plantada por mim mesmo alguns anos atrás, exatamente com a finalidade de me oferecer isolamento, pelo menos visual. Tudo bem com relação à visão, mas infelizmente sou obrigado a ouvi-los, não só em sua impressionante seleção de fulanos & beltranos, em seus trinados chorosos, a narrar amores perdidos e traições. Se fosse somente isso, tudo bem. Mas tem mais: brigam o tempo todo, em altos brados e em total variedade de

impropérios, dirigidos não só a si mesmos, como a outras pessoas da família, a relacionamentos pretéritos e até a gerações passadas, pelo que deduzo.

Outro dia creio ter ouvido homem dizer algo como: *um dia acabo com você* – não sabendo exatamente o que “acabar” poderia significar. A mulher gritou de seu lado: *pois acabe agora, se for homem*. Seguiram-se, porém, alguns minutos de obsequioso silêncio, interrompidos pelas vozes de uma das tais duplas preferidas deles, gemendo em glorioso falsete *é o amoooooor...*

Semana passada percebi que o homem tinha ficado sozinho em casa. Como soube disso? Eu os ouvi se despedindo, ora essa! E o sujeito ficou por ali fazendo telefonemas para Deus e todo o mundo, sempre em altos brados. E ouvi que ele chamava, a plenas onze horas da noite, uma tal de Roberta – que aparentemente negava a ele algo muito desejado. E eu o ouvia argumentar, quase choramingando: *deixa disso meu bem, está tudo tranquilo aqui, ela foi para a casa da mãe, só volta semana que vem, estou esperando você...* E por aí a fora.

De fato, ele tinha razão na sua conversa com Roberta. Depois de uma semana ela voltou. E não haviam se passado duas horas de sua chegada quando as brigas furiosas recomeçaram. E as rodadas sertanejas também.

Pois é, a vida não é nenhum filme. A comédia humana real é bem pior e nem se fazem enredos como os de antigamente. Só sei que não posso me queixar: este caldo ralo e reles de platitudes, paixões, baixarias e algum mistério que percebo através de minhas janelas deve ter me ajudado na formação do calo ósseo pelo qual minha tibia tanto ansiava.

E melhor ainda, eu finalmente encontrei um tema para desenvolver neste meu querido *Dell*, que há tempos só andava em modo *off*.

\*\*\*

## **Miniscelânea**

- Menino não tem vez

Cansou de ouvir aquilo do pai, dos tios, de alguns parentes mais velhos. Da mãe, não. Um dia saiu de casa meio chateado, por este e por outros motivos. No caminho encontrou uma cigarra viva e a levou consigo. Ela cantou no bolso de sua camisa. Mais à frente havia um jogo de gude e ele entrou, convidado por um menino maior; ficou feliz com um novo amigo. Uma chuva forte molhou-o por inteiro, mas só fez aumentar seu prazer. Pensou: quem não tem vez são eles.

- Progresso

Era tido como o bobo da rua, depois enlouqueceu. Melhorou, dizem.

- A compadecida

Foi ler Schopenhauer e chorou três dias de pena dele. Freud a fez procurar um padre para se confessar.

- Formigas em ação

Diante do carro enguiçado na estrada o menino viu as formigas em sua faina carregadeira. Cada uma a transportar folhas muito mais pesadas do que ela própria. Se juntar todas não levariam este carro para a oficina? indagou para si.

- Domingo

Voltando para casa depois de uma visita ao hospital onde a mãe estava há meses internada, o menino se deu conta que domingo à tarde é dia de tristeza e de desesperança. Além de ser véspera de voltar à escola.

- Namoro ousado

- Eu queria namorar com você, mas de um jeito diferente...

- Como é este jeito diferente?

- Como quem vai ao cinema, no escuro, senta do lado de uma pessoa que não conhece, dá uns beijos, passa-lhe a mão. Depois vai cada um para o seu lado.

- Eu topo. Mas esqueça essa parte do cinema, do escuro e de não saber ao lado de quem se senta, viu?

- Paternidade

Correu para contar à mãe e à sogra na sala de espera: *nasceu!*

- Menino ou menina?

- Não sei, esqueci de olhar.

- Finitude

- Vovô, quando é que a gente morre?

- A gente tem que ficar bem velhinho, todo enrugado, com a cabecinha branca, usar dentadura. Não se preocupe, você está muito longe disso!

- Mas e você, vovô, por que está vivo ainda?

- Sawyeriana

- Posso pintar esta cerca junto com você?

- De jeito nenhum! É muita responsabilidade... Ainda mais para uma menina.

- Ah deixa... O que você quer para deixar eu pintar?

- Vou pensar... Quem sabe se você me der uns beijinhos?

- Pai

No meu sonho meu pai estava vivo e era meu amigo.

- Memória

A lembrança de uma parreira carregada de uvas na infância, na casa dos meus avós, fez com que eu compreendesse de uma vez por todas o verso machadiano: *mudou o Natal ou mudei eu?* Mas este “ou” me soou totalmente dispensável.

\*\*\*

## **Seria banal, se não fosse trágico...**

(Drama sanitário em ato único)

### **Ambiente:**

Sala de espera de uma pequena unidade de saúde. Pintura mal cuidada, móveis despencados, paredes cobertas de cartazes toscos, feitos à mão, nos quais se leem proibições diversas (ex: “*não estamos marcando consultas*”, “*não cuspir no chão*”, “*é proibido trazer cachorro*”, “*Dr. Fulano não atende nas quartas feiras*” e outros similares). Os clientes estão sentados em filas paralelas de cadeiras de plástico, como se estivessem em um ônibus, de forma que ninguém fita o rosto do outro, só a nuca. Ao fundo duas portas, com indicativos de “*vacinas*” e “*consultório médico*”; há também uma porta lateral que é a entrada da unidade. Um filtro de água com um único copo, de alumínio, fica ao fundo e é frequentemente utilizado pelas pessoas na sala de espera. Um relógio na parede marca oito horas. Não há quaisquer objetos de decoração no ambiente, que aliás está carente de uma boa varrida.

### **Personagens:**

- **Narrador:** voz em off;
- **Anabela:** a enfermeira, jovem de classe média, bem vestida;
- **Clarice:** a agente comunitária de saúde, também jovem, mas com aparência de pessoa de classe social mais baixa;
- “**Doutor**”: o médico da unidade (assim mesmo, sem nome revelado), jovem, padrão classe média, vestido de branco;
- **Anestor:** um burocrata da Secretaria de Saúde;
- **Don’Maria:** uma cliente calada e quieta a um canto, com expressão de sofrimento no rosto e aparência muito modesta;
- **Zé Vereador:** líder comunitário (que na verdade não é vereador, mas sim candidato permanente a sê-lo);

- **“Louro José”** (José Pereira): um radialista, dono de um programa sensacionalista, que visita a unidade esporadicamente para levantar matérias para recheá-lo;
- **“Coro”**: conjunto de aproximadamente dez pessoas, adultos e crianças, que estão sentados na sala de espera e que intervêm na ação quase sempre de forma desordenada, quase cacofônica.

---

<b>Narrador</b>	Respeitável público! O que os senhores e as senhoras vão assistir agora talvez faça parte da paisagem dos serviços de saúde. Ou será que não faz? O público poderá dizê-lo depois. Estamos em uma unidade de saúde da família, situada na periferia de um grande centro urbano brasileiro. Assistam à cena com atenção e depois reflitam sobre ela. Luzes, ação!
-----------------	--

---

<b>Clarice</b>	(Entrando na sala) Ah, oito horas da manhã... Bom dia gente! (silêncio). Eu disse bom dia.... (silêncio) BOM DIA PESSOAL!
----------------	---

---

<b>Coro</b>	Bom dia, dona. (vozes discretas, sem muita ênfase)
-------------	--

---

<b>Clarice</b>	Enquanto a gente espera o atendimento começar, eu vou fazer pra vocês hoje uma palestra sobre um assunto muito importante para a nossa comunidade...
----------------	--

---

<b>Coro</b>	Lá vem de novo... (vozes isoladas)
-------------	------------------------------------

---

<b>Clarice</b>	Vocês já sabem do que se trata, não é? É a dengue que nos ataca de novo!
----------------	--

---

<b>Coro</b>	– Dengue, de novo?
	– Aqui mesmo tá cheio de mosquito...
	– E a consulta, demora muito?

---

---

– Que horas o doutor chega?

– Olha que eu ainda tenho que fazer almoço em casa...

---

**Clarice** Calma gente, com calma se resolve tudo. Mas como eu ia dizendo, as águas paradas.... (É interrompida pela chegada de Anabela)

---

**Anabela** Oi gente, bom dia pra todo mundo, oi Clarice! Ah, o trânsito estava horrível hoje... E ainda tive que me demorar na creche do bebê, pois ele chorou para entrar. Sabem como é, criança, né? (Ela entra pela porta do consultório, para deixar sua bolsa e vestir o jaleco)

---

**Clarice** Pois é, como eu dizia... (É novamente interrompida por Anabela)

---

**Anabela** (Carregando uma papeleta nas mãos) Vamos lá, quem chegou primeiro?

---

– Estou aqui desde as seis horas!

– Eu já tinha vindo ontem e vocês mandaram voltar...

– Eu cheguei estava escuro ainda!

---

**Coro** – Pois eu só não cheguei mais cedo porque tive que despachar dois guris para a escola e ainda arranjar a marmitta do marido.

– Xi, todo dia a mesma lenga-lenga... – Tenha paciência, dona, se eu estivesse sadia até que tinha acordado mais cedo, mas do jeito que eu estou botando sangue...

– Eu só vim pra pegar um atestado...

---



---

<b>Anabela</b>	Vamos organizar, assim não dá.... Quem está se sentindo realmente mal?
	– Eu!
	– Eu tô mais!
	– Eu aqui!
<b>Coro</b>	– Eu, que não estou parando de pé!
	– Eu!
	– Mas eu só vim pra pegar um atestado...
<b>Anabela</b>	É pessoal, assim não dá realmente... Só mesmo a gente voltando a distribuir senha de véspera. Quando era assim funcionava melhor, mas o Zé Vereador reclamou ao Secretário e aí ficou deste jeito, muito pior, no meu entendimento.
<b>Clarice</b>	Don'Maria, a senhora vai ficar calada? Desde ontem está assim, só eu já fui na sua casa duas vezes! (Virando-se para os clientes): Don'Maria é minha vizinha, viu gente. Uma pessoa muito boa!
<b>Anabela</b>	Então tá, Clarice, dá uma senha pra Don'Maria, mas não se esqueça das crianças e dos idosos que ainda podem aparecer por aqui hoje
	(Se repetindo):
	– Mas eu estou aqui desde as seis horas!
<b>Coro</b>	– Eu já tinha vindo ontem e vocês mandaram voltar...
	– Eu cheguei estava escuro ainda!

---

---

– Pois eu só não cheguei mais cedo porque tive que despachar dois guris para a escola e ainda arranjar a marmitta do marido.

– Xi, todo dia a mesma lenga-lenga...

– Eu só vim pra pegar um atestado...

---

**Anabela** Paciência!

---

**Clarice** Paciência...

---

**Coro** – Vamos ligar para o Louro José...

---

**Narrador** Quem será este novo personagem, Louro José? Será que vem direto da TV? Deve ser muito poderoso...

---

**Clarice** Não façam isso, ele só quer aprontar confusão. Não se lembram que a Miloca, minha colega foi demitida por causa dele?

---

– Alguma ela deve ter feito...

– Aquela jararaca?

---

**Coro** – Dizem que foi mandada embora porque o marido brigou na rua com o Zé Vereador, essa é que a verdade...

– Chamem o Louro! Chamem o Louro! O Louro!

– Vocês vão ver o que é bom!

---

**Anabela** Vamos organizar então. Uma boa organização é a base de tudo! Clarice, enquanto eu vou lá dentro fazer umas fichas numeradas, você continua sua palestra.

---

---

**Clarice** Certo, Anabela, mas como eu dizia, a camisinha é muito importante, tanto para o homem como para a mulher...

---

– (Voz de galhofa) Você falava era de dengue, minha filha...

– Pois eu já engravidei com camisinha e tudo...

**Coro** Camisinha não resolve nada quando o que falta é a vergonha...

– Vamos ao que interessa: a que horas este médico chega?

– O médico? Cadê ele?

– Cadê? Vamos, vocês vão ficar aí escondendo o jogo?

---

**Anabela** Paciência!

---

**Clarice** Paciência...

---

– PACIÊNCIA???

– É isso todo dia!

– Pior que é o terceiro médico que eles contratam, só neste ano...

**Coro** – É ninguém quer vir aqui, ninguém quer saber da gente...

– Bom mesmo era o Dr. Benedito, vinha só dois dias na semana, mas cada vez que vinha atendia mais de trinta pessoas!

---

---

– E dava receita pra todo mundo...

– Que nada, ele era bom de encaminhamentos, nunca resolvia nada!

– Tão educado do dr. Benedito... Pena que foi embora.

---

(Entra esbaforido pela porta lateral) E aí gente boa!

Tudo em riba! José Pereira, o Louro José, do

**Louro José** programa *O Povo no Radio*, está aqui para defender vocês, podem começar a falar, deixa só eu ajeitar meu gravador!

---

(Algumas pessoas levantam das cadeiras e rodeiam o radialista, o ambiente se agita, a cacofonia se intensifica)

– Uma pouca vergonha isso aqui!

– Olhai o relógio, já são mais de dez horas e nem sinal do doutor!

– Tá tudo assim, já viu o buraco na minha rua? Vai fazer aniversário este mês!

**Coro**

– E o ônibus, agora só está passando de hora em hora! E mesmo assim, umas latas velhas...

– E tem mais essa agora: aumentou o IPTU! Queria saber o que eles fazem com o dinheiro lá na Prefeitura...

– A gente vem atrás de consulta e elas só sabem fazer palestra!

---

---

– Emprego que é bom nada, já fui na Prefeitura umas três vezes e eles me enrolam – na hora de pedir o voto a conversa é outra!

---

**Louro José** Calma gente, eu sou um só!

---

**Anabela** (Se entreolhando e se manifestando em uníssono com  
**Clarice** o coro): Ai meu Deus! Haja paciência...

---

**Louro José** (Atendendo o celular, com jeito de receber uma notícia importante, falando bem alto): É MESMO! ESTOU INDO JÁ PARA AÍ... AGÜENTA! (volta-se para o público): gente, desculpem, mas estão me chamando, a polícia acabou de prender um bandido do outro lado da cidade, parece que é aquele esquartejador de domésticas. Não posso perder essa, com licença, depois eu volto, tá bem? (sai como entrou: intempestivamente)

---

**Don'Maria** (dolorosamente dá um gemido, em seu cantinho)

---

**Narrador** Essas moças vão acabar perdendo o controle da situação.... Será que não poderiam fazer algo para acalmar esta gente? Alguém podia avisar pra este cara que tem gente morrendo aqui e agora? Opa, vai entrar mais um outro personagem!

---

**Anestor** (Entrando afobado pela porta lateral, dirige-se a Anabela): a senhora entregou os boletins com atraso pelo segundo mês consecutivo! Além disso, já falei que o dia de pedido de material é o cinco de cada mês...

---

**Anabela** (Olhando para Clarice, de forma cúmplice, disfarçando)  
Nem dá bom dia...

---

**Anestor** (Percebendo o lance, volta-se para a plateia, entre solícito e pomposo) Bom dia, minhas amigas e meus amigos, muito prazer! Anestor Borba, subchefe

---

---

	substituto da seção administrativa da Prefeitura Municipal e assessor de sua excelência o Prefeito!
<b>Anabela</b>	... é para dar bom dia também aos nossos funcionários, sr. Anestor...
<b>Anestor</b>	Ah, sim, bom dia, meninas! Bom dia minha gente...
<b>Clarice</b>	(Murmurando) menina é a vovozinha...
<b>Anestor</b>	(Pigarreia, dirigindo-se ao público na espera) E aí meus amigos e amigas, todo mundo satisfeito com a nossa equipe de saúde da família? Podem ter certeza que o Prefeito faz o possível e o impossível para atender este bairro! E olha que ele quase não teve voto aqui...
<b>Coro</b>	– Pois não precisava tanto; devia fazer só o necessário... Já estaria bom demais...
<b>Anabela</b>	(Fazendo pose de quem vai fazer uma intriga – pisca para Clarice): Você nem imagina, Anestor, quem acabou de sair daqui...
<b>Anestor</b>	Quem?
<b>Anabela</b>	Vou dar uma dica: currupaco – paco!
	Louro José!? Aquele safado! Aquilo quer mais é pegar o dinheiro da gente. Pagou, fala bem; não pagou, esculhamba!
<b>Anestor</b>	Mas ele disse alguma coisa? Entrevistou alguém? (não espera a resposta) Deixa eu ligar para o Prefeito... (retira-se para um canto e aciona o celular, começando a conversar em voz alta e cheio de exclamações) COMO? O QUÊ? MAS QUE FDP! Deixa comigo, senhor prefeito (agora mais discretamente).
<b>Clarice</b>	Este aí quer ver o diabo, mas não quer ver o Louro...

---

---

<b>Anestor</b>	Preciso sair, o safado já bateu na escola da Vila Prudente, vou pra lá. Adeus. (sai como entrou: intempestivamente)
----------------	---

---

<b>Anabela</b>	Lá vai ele, sujeito sem repertório, o mundo pode acabar que ele só quer falar de papelada. Medo de ficar sem ver o dinheirinho do SUS, com certeza.
----------------	---

---

<b>Don'Maria</b>	(Produz outro gemido, mais alto e mais sentido, em seu cantinho)
------------------	--

---

	– Esta mulher aqui está gemendo como se fosse morrer!
	– O médico, onde está o médico?
	– Caramba, acabou a água do filtro!
	– E o banheiro está entupido...

---

<b>Coro</b>	– Tem uma barata aqui...
	– E quanto mosquito, meu Deus!
	– Pra mim chega, vou pegar um ônibus e me mandar para o Pronto Socorro...
	– Dona Anabela, a senhora não pode fazer nada pela gMnte?

---

<b>Anabela</b>	(Meio se desculpando) Eu sou só enfermeira, gente...
----------------	--

---

<b>Don'Maria</b>	(geme mais uma vez e se levanta cambaleando, em direção ao banheiro, parecendo estar muito mal)
------------------	---

---

<b>Narrador</b>	Parece que finalmente chegou o ser mais esperado: o Messias? Não: O DOUTORZINHO! Já não era sem tempo... Vamos ver se ele não fala o que acabamos de
-----------------	--

---

---

	ouvir (imitando Anabela): “eu sou só um doutorzinho, gente”
<b>Doutor</b>	(Entrando de fininho no recinto): bom dia para todos e para todas!
<b>Coro</b>	– Bom dia Doutor (modo: <i>allegro, ma non troppo...</i> )
<b>Doutor</b>	Larissa, não perca de vista o meu carro aí fora, ok? Você sabe, ele é novo e esta molecada daqui é de amargar.
<b>Clarice</b>	O meu nome é Clarice... (faz cara de indignada)
<b>Anabela</b>	(Dirigindo-se a Clarice, para consolá-la): Fica tranquila, depois eu explico pra ele, isso não tem cabimento!
<b>Clarice</b>	Mas é assim todo dia... Um dia me chama de Alice, outro de Doralice ou de Larissa. Poxa! É que eu preciso deste emprego, você sabe. Além do mais, este homem não aprende meu nome de jeito nenhum! E nem sabe qual o meu papel real aqui. Tomar conta do carro dele: vê-se pode! Que saco!
<b>Anabela</b>	(Voltando-se para o público) Então, gente, vamos começar o atendimento? (em seguida faz um gesto para conter duas ou três pessoas que se dirigem apressadamente para a porta do consultório).
<b>Doutor</b>	(Surge à porta do consultório) entra o primeiro!
<b>Anabela</b>	(Conduz o primeiro cliente e organiza uma fila junto à parede)
<b>Coro</b>	– Finalmente vai começar
	– Mas nem bem entrou um, já saiu e chama o outro?

---



---

– E o outro, o outro e o outro...

– Desse jeito, até eu vou ser médico...

– Ah, prefiro assim, tem uns doutor aí que especula demais a vida da gente

– Piores são uns que nem receita dão, é só banhozinho, chazinho, relaxamento, estas coisas...

– Também é cada receita que a gente não tem grana pra comprar...

– Lá vou eu, até que enfim, Deus me ajude!

---

**Doutor**

(Retorna à porta depois de fazer a fila andar, consulta o relógio no pulso) Quem mais? (repete) QUEM MAIS?

---

**Anabela**

É parece que acabou por hoje, mas agora o senhor prometeu me ajudar a completar os boletins do mês passado e assinar também aqueles papéis.

---

**Doutor**

Dona Anabela, me desculpe, mas com o que me pagam aqui não dá pra ficar mais, tenho clientes me esperando no consultório, volto à tarde. Bom dia a todos a e a todas! (e sai igual um pé de vento pela porta lateral)

---

**Narrador**

(Como quem conta um segredo) Hei, parece que falta alguém... no banheiro... Doutor! Doutor! (silêncio). Xiii, já se mandou...

---

**Clarice**

(Volta-se para o público remanescente, como se estivesse contando um segredo) ele é um médico de família, contratado para trabalhar em dois períodos, vocês sabiam?

---

---

	– De família?
	– Família de quem?
<b>Coro</b>	– Dos que estão esperando lá no consultório dele, com certeza...
	– (risos)
	– Saudades do Dr. Benedito!

---

<b>Anabela</b>	(Faz uma cara desolada...)
----------------	----------------------------

---

<b>Zé Vereador</b>	(Entrando pela porta lateral como um furacão) Cadê ele?
--------------------	---

---

<b>Clarice e Anabela</b>	Zé Vereador! O que quer aqui? Ele quem?
--------------------------	---

---

<b>Narrador</b>	E este agora, quem será?
-----------------	--------------------------

---

<b>Zé Vereador</b>	Louro José, claro! (dá-se conta que não cumprimentou ninguém e vira para a plateia – não para os usuários) Bom dia! Eu sou José Astrogildo, presidente dos moradores daqui...
--------------------	--

---

<b>Clarice</b>	O Louro? Entrou e saiu que nem um pé de vento...
----------------	--

---

<b>Zé Vereador</b>	Mas eu avisei pr'aquele (solta um palavrão) que precisava falar com ele... E era muito urgente! Só me resta ir embora. Adeus.
--------------------	---

---

<b>Anabela</b>	“Bom-dia” aqui é artigo raro...
----------------	---------------------------------

---

(Ouve-se neste momento um ruído e um gemido forte dentro do banheiro)

---

<b>Clarice</b>	Don’Maria! DON’MARIA!!!
----------------	-------------------------

---

<b>Narrador</b>	E agora?
-----------------	----------

---

---

<b>Anabela</b>	Ai meu Deus!
<b>Clarice</b>	O que vamos fazer Ana...?
<b>Anabela</b>	Chamar a ambulância
<b>Clarice</b>	Mas o orelhão não está funcionando...
<b>Anabela</b>	Ligue do celular!
<b>Clarice</b>	Está sem crédito...
<b>Anabela</b>	E eu esqueci o meu em casa
<b>O relógio</b>	(Som ampliado) Tic, tac, tic, tac, tic tac...
	(Silencio constrangedor)
<b>Clarice</b>	E agora?
<b>Anabela</b>	E agora, meu Deus!?
<b>Narrador</b>	Respeitável público, chegamos ao final de nosso – desculpem – espetáculo. Então? Será que isso faz parte da paisagem dos serviços de saúde ou é apenas exceção? Dá pra consertar ou isso faz parte do destino dos serviços de saúde no Brasil? É banal? Ou seria trágico? Vamos pensar sobre o assunto!

---

\*\*\*FIM\*\*\*